Os usos da imagem de Hércules: Mito, memória e identidade no mundo romano

EDSON ARANTES JÚNIOR
UEG – (Goiânia)

Resumo

Neste artigo investigamos as narrativas historiográficas antigas e modernas a cerca do culto de Hércules na Cidade de Roma. Em seguida analisamos as aproximações e distanciamentos que os diferentes governantes fizeram deste mito. As narrativas referentes ao filho de Alcmena demonstram a porosidade destas estórias que permitem a comunicação intercultural. Assim como, a propagação de ideias, ideais, valores e sentimentos sustentam práticas da cultura política romana.

Palavras Chave

Hércules, mito, memória, política romana

Roman Hercules: Memory, Identity and Political Uses.

Abstract

In this paper we'll investigate the historical narratives, both ancients and moderns, about the cult of Hercules in the city of Rome. Then, we propose to analyze the appropriation or detachment of this myth by the rulers. The narratives concerning the Alcmena's son show the porosity of these stories wich allow cultural communication. As well as, ideas, values and feelings which maintain practices of roman cultural policy.

Keywords

Hercules, Myth, Memory, Roman Policy

Os mitos são compostos por um conjunto de narrativas que têm a função de explicar o mundo, de gerar sentido para as pessoas e as comunidades. Não interessa, para o ponto de vista que vislumbramos, se o mito existiu ou não, se há factualidade em determinada narrativa. O que importa é que em certo contexto cultural o mesmo foi compreendido como um

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

passado. Logo, o mito, em sua função, pode ser analisado como uma memória social. Neste sentido, o mito do herói Héracles chama a atenção dos pesquisadores, uma vez que ele serve de mito fronteira, ao mesmo tempo em que une, separa.

Héracles foi um dos heróis mais populares do mundo antigo. Cultuado entre gregos e romanos, que o chamavam Hercules. Seu mito delimita as fronteiras entre o mundo civilizado e o selvagem, a mortalidade e a imortalidade, o conhecido e o desconhecido. Trata-se de um mito plástico, que teve as mais distintas apropriações.

Sua lenda permite que narrativas locais se insiram em um horizonte mítico helênico. Neste artigo, analisaremos a apropriação latina deste mito. Inicialmente partiremos da narrativa do historiador latino Tito Lívio, o qual relata:

> [Rômulo] Ofereceu sacrifícios aos deuses com o rito albano e a Hércules com o rito grego, tal como tinha sido instituído por Evandro. Dizem que depois de ter matado Gerião, Hércules trouxera suas vacas, de admirável beleza, para aquelas paragens. Sempre tocando gado a sua frente, atravessou a nado o Rio Tibre, até um lugar coberto de relva, para as vacas se refizessem com o descanso e com o alimento farto e onde ele mesmo, cansado pela travessia, repousasse. Lá, com ele, com o corpo pesado pela comida e pelo vinho, tivesse se rendido ao sono, um pastor da vizinhança, de nome Caco, impetuoso pela própria força, atraído pela beleza do gado e desejando roubar tal presa, arrastou para uma caverna as mais belas reses, puxando-as por trás, pelas caudas, por que, se ele fizesse recuar o rebanho para a caverna, diante de si, os próprios rastros haveriam de conduzir o dono à procura até aquele lugar.
> Hercules, despertado do sono na primeira aurora, tendo percorrido com os olhos o rebanho e percebendo que parte dele faltava, dirigiu-se a caverna mais próxima, para ver se, por acaso, os rastros o conduziam para lá. Quando viu todas aquelas marcas voltadas para fora e não levando a lugar nenhum, com a mente confusa e perplexa começou a retirar o gado daquele lugar hostil. Então, por que algumas das vacas roubadas mugissem por sentirem falta das restantes, como geralmente acontece, o mugido das vacas reclusas, partindo da caverna, atraiu Hercules. Ainda que tentasse pela força impedir-lhe a entrada na gruta, Caco, golpeado com uma clava, invocando em vão o auxilio dos pastores, caiu morto.
> Evandro, desterrado do Peloponeso, governava então aqueles lugares mais com seu prestígio que com sua força, homem respeitado pelo talento nas letras , novidade entre homens não experimentados nestas artes; mais respeitado ainda pelo poder divino atribuído a sua mãe Carmenta, que estes povos tinham admirado por prever o futuro antes da vinda da Sibila para a Itália. Então Evandro, atraído pelo ajuntamento dos pastores que se agitavam em torno do estrangeiro acusado de morte fragrante, depois de ouvir o relato do crime e seu motivo, reparando na boa compleição e na beleza do homem, muito maiores e mais veneráveis que a humana, indagou quem seria. Logo que tomou conhecimento do seu nome, da sua pátria e do seu pai disse: "Salve, Hércules, filho de Júpiter! Minha mãe, verdadeira interprete dos deuses, disse-me em forma de profecia que tu haverias de aumentar o número de deuses celestes e que a ti um altar haveria de ser consagrado aqui, um altar que um dia o povo mais poderoso de todas as

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

> terras há de chamar de Máximo e cultuará com o teu rito". Oferecendo a mão direita, Hércules disse que aceitava o presságio e que haveria de cumprir o destino com a construção do altar. La então, pela primeira vez, retirada do rebanho uma vaca de alto valor, foi feito um sacrifício a Hércules (...) (Tito Livio. História de Roma, 1, VII).

A narrativa de Tito Lívio é bem concisa ao expor a rápida passagem do herói Hércules na península itálica. Entretanto, podemos observar que a conexão encontrada com o território latino foi justamente a tarefa dos bois de Gérião, um gigante de três cabeças. Segundo a *Biblioteca Mitológica* de Apolodoro, ele habitava a ilha de Eritia, situada nos confins do ocidente. Sua riqueza era composta por um grande rebanho de bois, guardado por Euritião, e um cão, Orto, na ilha. Alguns mitólogos, (APOLODORO, *Biblioteca mitológica,* II, 106-110), consideram que esse foi o décimo trabalho realizado pelo herói. Euristeu ordenou que Héracles buscasse o gado. Após roubar o rebanho RO herói retorna para a Grécia. Seu regresso apresenta uma prosa porosa que permite que narrativas secundárias aloquem-se no discurso principal. Por exemplo, uma delas fala do extermínio de uma série de monstros na Líbia e que, em memória de sua passagem por Tartesso, o herói construíra duas colunas, de uma e da outra parte do estreito que separa a Líbia da Europa — as colunas de Héracles (O Rochedo de Gilbratar e o de Ceuta).

Durante o regresso da décima tarefa, o filho de Alcmena teria sido atacado por inúmeros bandidos que queriam roubar o rebanho.

> Ele partiu pelo sul e pela Líbia, ele regressou pelo norte, seguindo pelas costas da Espanha, depois da Gália, da Itália e da Sicília, antes de chegar à Grécia. Esse caminho, com efeito, estava assinalado por Santuários de Héracles (GRIMAL, 2005: 211).

Nesses territórios, existem lendas positivas e negativas sobre a passagem dos rebanhos de Gérion. Héracles conduziu o rebanho a Euristeu que o sacrificou em louvor à Hera.

> Alguns episódios aberrantes da lenda do regresso de Héracles foram referidos pelos autores: Héracles teria seguido um caminho ainda mais setentrional e atravessado os países celtas, ou seja, a Grã-Bretanha. Essas lendas desenvolveram-se na medida em que, num mundo cada vez mais conhecido, os viajantes e os mercadores helenos encontravam heróis e deuses locais que eles assimilavam mais ou menos a Héracles (GRIMAL, 2005: 212).

Como diria François Hartog o viajante grego sempre encontra a si mesmo (2004). A passagem pelos territórios que iriam abrigar a cidade de Roma é uma

destas narrativas, que sorrateiramente se agregam na estória principal. O mito, como amalgama de lendas que fundem e se confundem permite aquele que lhe conta, expressar valores, sentimentos, e por meio de novos indícios validar outros sentidos, ideais ou sonhos. Observemos que a narrativa utiliza de alguns *topoi*: o ladrão que arrasta os animais pelo rabo, os animais são escondidos em uma caverna. O leitor que tiver intimidade com o mito de Hermes verá que esse Deus ainda muito cedo rouba parte do rebanho de Apolo seguindo os mesmos estratagemas.

A narrativa de Tito Lívio, composta sob o principado de Augusto, enfatiza vários elementos que marcam esse novo momento político. Observemos que a dupla anterioridade do fato narrado, anterior ao tempo do historiador e do próprio tempo narrado. Anterioridade que explica a presença de um templo na Ara Máxima e de um rito no seio da cidade augustana. Entretanto, na narrativa liviana Hercules e Evandro apresentam um papel secundário.

O momento é propício para enfatizar que havia fartura e abundância, um bom lugar de descanso e a presença grega desde períodos muito recuados. Outro elemento importante, deve ser conferido aos vínculos do herói com seu devir divino. Nós, assim como Tito Lívio sabemos que no fim de sua jornada Hercules tornar-se-á um Deus, entretanto esse futuro não era obvio ao herói, como nunca o foi, para nenhum semideus. A instituição de um culto ao Deus Hercules, presidido pelo próprio, ressalta a construção de um mapa mítico para a cidade, no qual os lugares ganham sentido, gerando identidade. Explicando o mundo que cercava aquela população. A promessa da divindade de Hercules apresenta-se na porosidade narrativa que inflama o sonho do poderio imperial, uma vez que Carmita antecipou a divindade daquele herói, o altar que Evandro e Hercules ergueriam *"um altar que um dia o povo mais poderoso de todas as terras há de chamar de Máximo"* (Ibidem).

Com rápidas variações encontramos essa narrativa em uma digressão na Eneida de Virgílio, no Canto VIII, Evandro mostra para Enéias o Palatino e faz uma digressão para contar a estória da passagem de Hercules naquele sítio. Aqui também, temos um autor do período de Augusto, que apresenta em sua poesia épica o relato de um passado mítico que coloca como horizonte de expectativas o poderio romano certo e eterno. Outros autores do mesmo período relataram essa passagem, dentre eles podemos citar Dionísio de Halicarnaso e Ovídio.

Diodoro da Sicília construiu uma narrativa que analisava a trajetória de Hércules quando retornava com os bois de Gérião. No momento, o filho de Zeus teria passado pela região onde se situa Roma e hospedado-se na casa de Cacio (Καχίος), um homem de excepcional valentia, morador do cume do

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

Palatino. Hércules foi recebido generosamente por duas famílias, Pinariio e Potitiius. O historiador antigo afirma que as famílias ainda existiam em seu tempo. Quando eles hospedaram Hércules, ele teria pedido que lhe oferecessem um dízimo (*decuma herculis*) dos proventos quando ele se tornasse um deus. Depois de sua apoteose, teria iniciado o culto na Ara Maxima (apud. LEVI, 1996: 81). Provavelmente, a idéia de Diodoro diz mais sobre seu presente, que sobre a suposta passagem de Hércules pelo Lácio. Essa é uma das origens cogitadas na prática do dízimo.

A fim de investigar como o mito de Hercules foi apropriado pelos romanos devemos fazer uma digressão historiográfica. Observando quais foram as colocações referentes ao tema efetuadas na historiografia contemporânea, tendo em vista o quadro analisado anteriormente.

F. Dürrbach, em um verbete sobre o herói Hércules, publicado no notável *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines,* defende que o mito do filho de Alcmena chegou até Roma a partir de dois caminhos: por um lado, aponta as colônias gregas na Magna Grécia e na Sicília e, por outro, a Etrúria. Segundo ele, o retorno do herói da expedição contra Gerião deixou uma série de lendas de caráter civilizador na Península Itálica e na Sicília (DÜRRBACH, 1900: 124).

A construção do grande Império Romano envolveu uma série de guerras, que não foram rápidas, nem se resumiram especificamente ao momento do combate. Além da convocação das tropas e da organização do armamento necessário, é fundamental ter a proteção dos deuses. Assim, a imagem de Hércules, do deus Marte e da deusa Vitória, está associada à liderança eficiente das legiões. O herói garantiria a prosperidade e o êxito das campanhas, já que era um vencedor por excelência — característica já presente no Héracles grego, mas que, em consoante Dürrabach assinala que foi é o principal motivo para a divinização dele na Península Itálica (1990: 127).

Jean Bayet, no livro *Les orígenes de l'Hercule Romain*, sustenta que o Hércules romano era uma cópia do Héracles grego. Para ele, o mito teria chegado por via da Magna Grécia. O autor analisa os dois primeiros templos dedicados a Héracles em Roma, um no porto de *Trigemina,* próximo ao Tibre, e outro na *Ara Maxima — foi erigida, em 312 a.C., pelo censor Appius Claudius Caecus (JACZYNOWSKA, 1981: 633) — ,* no Pomerium, no interior do limite sagrado da cidade. Segundo ele, o culto no porto de *Trigemina* é anterior àquele realizado na *Ara Maxima*, uma vez que suas características seriam puramente gregas (BAYET, 1926: 236-321).

Conforme Maria Jaczynowska, a tese de Bayet foi contestada por alguns historiadores como J. Toutain, que defende a existência de peculiaridades

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

próprias do Hércules romano, que não se confundem com aquelas que caracterizam o Héracles grego. D. Van. Berchem levanta a hipótese de que a via de aproximação do mito foram os fenícios, que cultuavam o deus Melqart. No entanto, a autora afirma que não há uma conclusão definitiva sobre a origem do Hércules romano (apud. JACZYNOWSKA, 1981: 632). A idéia de uma cópia do modelo grego, proposta por Bayet, já está ultrapassada haja vista o desenvolvimento nas ciências da cultura de um debate sobre a apropriação de idéias de uma cultura por outra (CHARTIER: 1991).

Mario-Attilio Levi, em artigo intitulado *L'ercole romano*, também investiga a origem do mito na cultura romana, relacionado com a origem da cidade das sete colinas. Ele ressalta a importância da análise das fontes arqueológicas do período monárquico, anteriores a 509 a.C. como meios para que o historiador tenha mais informações, acerca tanto das origens de Roma, quanto do mito do Hércules romano. O estudioso enfatiza a dificuldade de estabelecer um diálogo, que não funda hierarquias, entre a documentação arqueológica e a fonte escrita. No entanto, eis um caminho a ser percorrido (LEVI, 1996: 79).

A análise do Hércules romano feita por Levi vai ao encontro das discussões que apresentam uma progênie modesta e agropastoril para a cidade eterna. Para ele, a imagem de um Hércules guerreiro não é a representação do deus-herói fornecida pela cultura material, ele defende que o Hércules romano foi a união do Héracles grego, o fenício Melqart e o etrusco Herkles. A fonte arqueológica permite observar a presença de um Hércules vinculado a práticas agropastoris, que seria um espelho da Roma primitiva. E há na imagem do Hércules *Victor* (vitorioso) o uso político do herói para ligá-lo de alguma forma à lendária origem grega de Roma.

Para construir semelhante argumentação, o autor faz uma detalhada análise dos historiadores do período de Augusto, especialmente Diodoro da Sicília e Tito Lívio. E, com base no último, afirma que Hércules foi a única divindade estrangeira importada para a cidade que Rômulo fundaria. A análise de Levi fornece alguns indícios para a compreensão da maneira como o culto do deus-herói Hércules estava presente na vida dos romanos (LEVI, 1996: 82-90).

Há um conjunto de tradições e opiniões comuns a toda cultura clássica do I século a.C. Levi (1996: 84), estas declaram que havia entre os romanos um *complexo de inferioridade* por conta de a Grécia ter representado um modelo de civilização. Havia entre os intelectuais do século I a. C a intenção de ligar a fundação de Roma à tradição grega. Grimal vai de encontro a essa tese, refutando as idéias que apresentam esses intelectuais como produtores conscientes de uma ideologia que ligava a Roma de Augusto a uma origem

helênica. Ele enfatiza a pequena ação do Imperador diante desses escritores. O autor também frisa que as lendas que relacionavam a Península Itálica à Grécia já estavam disponíveis há muitos séculos e, para sustentar sua argumentação, o historiador francês fala de algumas estatuetas encontradas em Veios, que documentam um culto Etrusco a Enéias (GRIMAL, 1993: 63-65).

Podemos exemplificar esse trabalho intelectual, na literatura, com a obra de Virgílio e, na historiografia, com as de Tito Lívio e Diodoro da Sicília. Levi mostra como esses textos influenciaram os historiadores na interpretação das origens de Roma. Se colocarmos as teses de Bayet e Levi juntas, observaremos como o primeiro foi influenciado pela documentação escrita.

Evandro é o primeiro a fazer uma oferta ao futuro deus, o que posteriormente será uma prática, que não existe no Héracles grego a característica supracitada, que é um traço peculiar do Hércules romano: o dízimo, uma contribuição com o fim de auxiliar os comerciantes e, posteriormente, os militares. No entanto, o atributo da invencibilidade (*Hercules Victor ou Invictor*) permanece como um dos valores mais caros aos romanos. Por isso, existia também um dízimo militar, pago antes de uma batalha ou, ainda, a entrega de um décimo do botim (GRIMAL, 2005: 67; 162; 222-223).

Semelhante imagem triunfa no regime de memória romano. A partir das Guerras Púnicas, o culto a essa divindade foi mais acentuado, principalmente com Cipião, o Africano. Em sua ação, ele associava sua imagem ao Imperador macedônico Alexandre, Magno e ao deus-herói Hércules. O fato acentuou-se durante a conquista da Hispania. A imagem do filho de Alcmena cada vez mais se associava à vitória dos generais, tornando-se de fato um *deus triunfal,* protetor dos vitoriosos. Maria Jaczynowska enuncia que a prática só se tornou regular a partir de 146 a.C. quando o cônsul L. Mummius, depois da vitória na Grécia, foi ao templo de Hércules Victor e fez uma *decuma herculis,* com dez por cento do botim recolhido. Provavelmente, o cônsul iniciou uma nova prática, da qual os exemplos são muitos (JACZYNOWSKA, 1981: 633).

Levi sustenta que a vinculação mais antiga do herói em Roma era com a atividade agropastoril e com as comerciais (1994: 91-93). Por exemplo, havia em Roma um templo dedicado ao *Hercules Olivarius*, que o recebeu de um negociante de azeite (MOREL, 1992: 197) — o que aventa duas possibilidades, não excludentes, sobre o lugar do herói na vida religiosa dos romanos. Havia um Hércules que era mais popular e, por isso, aproximava-se de atividades artesanais, comerciais e agropastoris. De outro lado, havia o vitorioso Hércules Victor: duas imagens cuja ênfase associa-se às posições socioculturais de cada

agente histórico. Com exceção da análise de Levi, a maioria da historiografia pensa o vínculo de Hércules com o poder instituído.

Hugo Francisco Bauzá ressalta que as lendas atinentes ao extermínio de animais selvagens ou criaturas místicas sugerem um imaginário próprio de sociedades cuja subsistência está garantida por caçadores (BAUZÁ, 1998: 72).

Essa preponderância imagética provavelmente vincula-se à manutenção e distribuição das mensagens dentro de um regime de memória definido, no qual uma aristocracia domina a escrita e a divulgação das mensagens. Logo, vemos que a mudança de olhar proposta por Levi é fruto de um exame apurado da cultura material da região do Lácio.

Neste sentido cabe aos historiadores investigarem como a elite romana se apropriou do mito de Hércules. Outro elemento fundamental para compreender o lugar que o herói Hercules ocupa na cultura política romana.A seguir focaremos principalmente os últimos anos da República, principalmente pelos generais Pompeu e Marco Antônio. E, em seguida, a marginalização desse mito por Augusto e posterior retomada pela propaganda imperial de tal símbolo, já no governo de Trajano.

Pompeu acercou sua imagem a de Alexandre e a Hércules. Durante a Guerra Civil, Júlio César aproximou-se da deusa Vênus Victrix. Eles se opuseram em uma batalha de imagens que menosprezaram cada um o seu oponente, que se avizinha do filho de Alcmena. Como Hércules foi associado ao perdedor, sua imagem começa a sofrer com um intenso trabalho de marginalização dos meios oficiais.

A última etapa de popularidade do herói durante a República Romana foi quando Marco Antônio agregou à sua imagem os atributos do deus grego. Ele dizia ser seu descendente. A aproximação desse general com uma cultura oriental, principalmente a egípcia, uniu-o a Cleópatra e ele passou a cultuar hábitos e gestos que o vinculavam ao seu divino ancestral, tanto que mandou erigir uma estátua em Roma, na qual havia uma inscrição nova ao deus-herói: Hércules Antoninos. A derrota do general na Batalha do Áccio, em 2 de setembro de 31a.C, apresenta um corte, nos usos políticos dos governantes romanos, de tal imagem. Maria Jaczynowska afirma que: *"O fracasso de Marco Antônio na guerra contra Otávio e sua morte causaram o fim da 'carreira' do Hércules Vencedor, eles decidiriam uma mudança fundamental na teologia da vitória romana"* (JACZYNOWSKA, 1981: 634).

O Império Romano foi fundado com a força das armas, logo, seria natural que a representação de Hércules se ligasse à vitória e ministrasse um importante subsídio místico para a divinização do Imperador. Ele foi admitido

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez)
Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394
Disponível em http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme

entre os deuses, mas caminhou na terra, foi um mortal. E sua morte servia como um exemplo de apoteose. Parecia que Augusto também assumiria essa divindade e dar-lhe-ia um lugar de destaque.

Otávio Augusto fez uma profunda reforma nas instituições religiosas romanas, destacando a Vênus *Genitrix*, do *divus* Julius, Marte *Ultor* (Vingador), e Apolo *Palatino* (BAYET, 1926: 177). O culto de Marte sobrepõe o de Hércules, deus protetor de Pompeu e Marco Antônio. Eis um problema que Levi não aborda: o uso da imagem de Hércules, pelos escritores do I século a.C atinentes aos padrões estéticos estabelecidos com o Principado, como forma de vincular a formação de Roma à Grécia.

R. Schilling no texto *L' Hercule romain em face de la reforme religieuse d' Auguste,* faz uma minuciosa comparação entre Hércules e Marte, com o afã de compreender a escolha de Augusto pelo segundo, a qual se dá por uma tradição mais ligada aos mitos latinos para justificar seu poder. A autora afirma que *"Marte era o deus de guerra, dos instrumentos usados na guerra, no entanto Hércules tinha o privilégio da vitória"* (SCHILLING, 1979: 268).

Igualmente, ela fala sobre a ressignificação de duas novas instituições imperiais: o triunfo, não mais mérito de um general vitorioso, tornado um atributo permanente do Imperador, inclusive o próprio Augusto declarou-se vencedor perpétuo, em 27 a.C; e a apoteose, pela qual Hércules forneceria subsídios místicos para a divinização do Imperador, já que ele tinha morrido no Oeta, o que também exemplificava a cerimônia de cremação do corpo do governante. As condições eram favoráveis ao culto do herói, mas não foi o que ocorreu.

Schilling defende que Augusto tinha motivos pessoais para marginalizar dos meios oficiais o culto ao filho de Alcmena (SCHILLING, 1979: 271). Em momento algum, Otávio vinculou-se ao deus de seu inimigo, nem mesmo após a vitória na batalha do Áccio.

Rômulo forneceu o tema da apoteose e, Marte, a imagem de guerreiro. Durante a dinastia dos Júlio-Cláudia, em raríssimas ocasiões, o culto ao deus-herói esteve liado ao poder. Suetônio narra brevemente que Nero queria aproximar-se de Hércules, preparando um leão que devia ser morto por sua clava e estrangulado por suas mãos diante da multidão no anfiteatro (SUETÔNIO, *Vida de Nero*, 53).

Hércules voltou ao cenário político romano com Trajano e com Adriano, que retomaram o culto ao Héracles de Gades — é uma região no sul da Hispânia que teria sido uma das paradas do herói quando retornou da décima tarefa. —.

Tanto Trajano quanto Adriano têm origem hispânica, o que sugere uma vinculação regional (PETIT, 1989: 177).

O uso da imagem ocorreu de maneira mais acentuada com o Imperador Cômodo. O Museu do Capitólio, (Fig. 1) em Roma, conserva um busto de Cômodo usando as insígnias distintivas do herói grego. Ao analisar a escultura, observamos que ele está com a pele de leão, a clava. A escultura é uma representação selvagem de Hércules. Contrariamente, Bauzá fala de imagens de Héracles nas quais ele veste uma espécie de armadura, denotando que sua ação teria um caráter civilizador (BAUZÁ, 1998: 46).

Figura: 1

Cômodo com os atributos de Hércules.
Museo dei Conservatori.
In: Gonçalves, 2002: 147

A partir do relato de Dion Cássio sabemos que esse Imperador colocou uma imagem sua com as insígnias de Héracles em frente ao Senado, como forma de amedrontar seus membros. Além de personificar a força e a coragem física, era o patrono dos gladiadores, dos atletas e dos caçadores, motivos que levaram Cômodo a garantir-lhe o espaço de divindade privada.

Os mitos são atualizados de acordo com o contexto. Héracles assume as mais diversas conotações — de um lado, é o herói vitorioso, cuja figura influencia a imagem dos governantes, como é o caso de Cômodo. A aproximação da imagem de Héracles aos Imperadores romanos se acentuou com , sendo que a aproximação acentuou-se com Cômodo. Norma Musco Mendes expõe algumas informações fornecidas pelo historiador latino Dion Cássio. A historiadora afirma que:

> A identificação de Cômodo com Hércules era reforçada pela prática de ter como abre-alas, quando andava pelas ruas de Roma, alguém carregando os atributos de Hércules (pele de leão e o porrete) e pela transformação da grande estátua de Nero, chamada de Colossus, cuja cabeça foi substituída pela de Cômodo e foram acrescentados os atributos de Hércules (MENDES, 2005: 483).

O historiador latino Dion Cássio, em sua História Romana, informa os títulos assumidos por Cômodo.

> Amazônio, Invicto, Félix, Pio, Lucio, Aélio, Cômodo, Augusto, Hercúleo, Romano, Conquistador: (...) Amazônio e Invicto ele se auto-atribuía para indicar que em todos os aspectos ele se sobrepujava os superlativos humanos: então, superlativamente maluco havia se tornado o patife. E para o Senado ele podia enviar mensagens nos seguintes termos: O Imperador César, Lucio, Hélio, Aurélio, Cômodo, Augusto, Pio, Felix, Sarmántico, Germânico, Máximo Britânico, Pacificador de toda a terra, Invencível, o Hércules Romano, Pontífice Máximo, Tribuno por 18 vezes, Imperator por 8 vezes, Cônsul por 7 vezes, Pai da Pátria, para os cônsules, pretores, tribunos e para o afortunado Senado de Cômodo, Saudações. Grande número de estátuas foram construídas o representando como Hércules. E foi votado que a sua época deveria ser chamada de Era de Ouro, devendo ser gravado em todos os registros sem exceção (DION CÁSSIO. História romana, LXXIII, 15. Grifo nosso).

Segundo Ana Teresa Marques Gonçalves, Dion Cássio era *"um senador representante da forma mentis de boa parte dos integrantes do Senado"* (GONÇALVES, 2007: 147). Eis um fato valioso para compreender a avaliação que o autor faz do governo de Cômodo, que muitas vezes é comparado de maneira pejorativa com seu antecessor Marco Aurélio (MENDES, 2005). No entanto, devemos ressaltar as informações que associam Cômodo à imagem de Hércules: o ato de ser recebido por alguém vestido com as indumentárias do filho de Alcmena; a utilização dos títulos de Hercúleo, Hércules Romano; construção de estátuas do Imperador Cômodo representado com as indumentárias do filho de Alcmena. Logo Dion Cassio representa o juízo de valor típico de uma ala do Senado que foi desprestigiada.

Jean Bayet considera que a intensificação do culto a deuses como Héracles, Asclépio e Dioniso, no século II da era cristã, está vinculada ao nascente Cristianismo. Os cultos pagãos estariam buscando em suas mitologias aspectos que corroboravam a idéia de salvação individual, que foi encontrada nos mitos de *"deuses-homens"* (BAYET, 1984: 282).

A vinculação de determinado governante com um mito tão popular permite aos imperadores entrarem em um horizonte mítico comum a população do Império. Como o mito do filho de Zeus era muito popular entre a elite e os grupos subalternos a imagem apresenta grande eficiência. Além de legitimar suas ações, este expediente que se constituía na forma de tornar o poder do

Princeps mais presente a todos os cidadãos do *Imperium Romanum*. Outro ponto importante é entender como, em períodos distintos, esses heróis foram lidos de maneiras específicas, ressaltando sempre os fatores marcantes que se queria propagar a respeito de um governo ou dos grupos envolvidos. Ou seja, tratava-se de um mecanismo bastante flexível de poder e propaganda.

Diferentes construções de Héracles são realçadas. Cada um se apropria, a seu modo, de uma faceta do filho de Alcmena, mas sempre falando do mesmo herói: seja um Imperador que pode, por meio desta saída, enfatizar a sua virtude de guerreiro e combatente, sejam os filósofos cínicos e estóicos que vêem nele o exemplo de virtude moral e de vitória sobre a morte.

3) Referências Bibliográficas:

A) Documentos Textuais:

APOLODORO. *Biblioteca mitológica*. Traduccíon de Joé Calderón Felice. Madrid: Akal, 2002.

DION CASSIUS. *Histoire romaine*. Texte établi et traduit. par M. L. Freyburger & J. M. Roddaz. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

Dio's Roman History. English translation by Earnest Cary. London : William Heinemann, 1961. v.9 (The Loeb Classical Library).

SUETONE. *Vie des douze Césars*. Texte établi et traduit par P. Wuilleumier. Paris: Les Belles Letres, 1978.

TITO LÍVIO. *História de Roma :* livro I A monarquia. Tradução Mônica Costa Vitorino. Belo Horizonte : Crisálida, 2008.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução José Vitorino Barreto Feio & José Maria da Costa e Silva. São Paulo : Martins Fontes, 2004.

B) Obras de referência:

DAREMBERG, Ch. & SAGLIO, Edm. E. (Dir.) *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Paris: Hachette, 1900. Tomo III.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

C) Obras Gerais:

BAUZÁ, Francisco F. *El mito del héroe*. Buenos Aires: FCE, 1998.

BAYET, Jean. *Les origenes de l'Hercule romain*. Paris: Boccard, 1926.

BLOCH, March. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2001.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha & DAVIDSON, Jorge & MENDES, Norma Musco. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. *Tempo*. Niterói, v. 9, n. 18, p.17-49, 2005.

_____. Rômulo e Remo: escritos e ritos. *História Revista*. Goiânia, V. 6, n. 2, p. 87-116, jul-dez. 2001.

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

DÜRRBACH, F. Hercules. In: DAREMBERG, Ch. & SAGLIO, Edm. E. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*. Paris: Hachette, 1900. Tomo III. p. 78-128.

GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Setenta, 1993.

HARTOG, François. *Memórias de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG: 2004.

HENIG, Martin. The veneration of herois in te Roman Army. *Britannia*. London, v. 1, p. 249-263, 1970.

JACZYNOWSKA, Maria. Le Culte de l'Hercule Romain au temps du Haut-empire. *Aufstieg Niedergang und Romschen Welt*. Berlin, v. 2, n. 17, parte 2, p. 631-670, 1981.

KERÉNYI, Karl. *Os Heróis Gregos*. São Paulo: Cultrix, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro do passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Puc-Rio/ Contraponto, 2006.

LEVI, Mario-Attilio. L'ercole romano. *Dialogues d' histoire ancien*. Paris, v. 22, n. 1, p. 79-94, 1996.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MOREL, Jean-Paul. O Artesão. In: GIARDINA, Andrea (dir.). *O Homem romano*. Lisboa: Presença, 1992. p. 181-202.

SCHILLING, R. L' Hercule Romain en face de la réforme religieuse d'Auguste. In: _____. *Rites, Cultes, Dieux de Rome*. Paris: Klincksieck, 1979. p. 263-289.

SWAIN, Tania Navarro. Você disse imaginário? In: _____ (Org.). *História plural*. Brasília: ED. UNB, 1995. p. 43-67.

THEML, Neyde. Linguagem e comunicação: ver e ouvir na Antigüidade. In: _____(Org.). *Linguagens e formas de poder na Antigüidade*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ MAUAD: 2002. p. 11-24.

VERNANT, Jean Pierre. Fronteiras do mito. In: FUNARI, Pedro Paulo. *Repensando o mundo antigo*. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 09-23.

VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos nos seus mitos?* Lisboa: Setenta, 1987.